

Ponto Final

3 DAYS AGO
PONTO FINAL

Risco epidémico pode baixar com o calor? “Não vai ser assim tão linear”

FOTOGRAFIA: PAULO NOVAIS/LUSA

Actualmente, há 78 casos de infecção pelo Covid-19 em Portugal, e José Miguel Azevedo-Pereira explicou ao PONTO FINAL que é expectável que o número continue a aumentar. O professor de Virologia da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa indicou que o risco epidémico pode não diminuir com o tempo quente: “Há dados que nos permitem pensar que isso não vai ser assim tão linear”. O virologista destacou o exemplo de Macau na prevenção, mas ressaltou que as medidas aplicadas na região só são possíveis em “casos muito particulares”.

André Vinagre

[andrevinagre.pontofinal@gmail.com \(mailto:andrevinagre.pontofinal@gmail.com\)](mailto:andrevinagre.pontofinal@gmail.com)

José Miguel Azevedo-Pereira, professor de Virologia da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa, explicou ao PONTO FINAL que o risco epidémico pode não diminuir com a chegada do calor e justificou com o crescente número de casos registado nos países da Península Arábica, onde as temperaturas são geralmente mais altas. Particularmente acerca do aumento no número de infectados em Portugal, que, até ao fecho desta edição, estava nos 78, o virologista prevê que os casos continuem a aumentar. “Ainda estamos no início”, afirmou. O docente falou ainda sobre as medidas “drásticas” mas “eficazes” de Macau, ressaltando que são apenas aplicáveis em “casos muito particulares”.

Para José Miguel Azevedo-Pereira, é natural que o número de casos de infecção pelo Covid-19 continue a aumentar em Portugal. “Há um período inicial, em que a contenção é mais ou menos eficaz e em que há um número de casos inexistente ou em baixo número. Depois, esse número de casos começa a aumentar de forma quase exponencial a cada dia”, notou, dando os exemplos da Coreia do Sul, de Itália e Espanha, onde houve “uma transmissão que, durante os primeiros tempos, não foi controlada”.

“Sendo este um vírus novo a circular na população humana, nenhum de nós tem qualquer tipo de imunidade adquirida no passado devido a infecções que tivessem já ocorrido. Todos nós estamos susceptíveis a ser infectados”, alertou o docente da Universidade de Lisboa, acrescentando que o facto de ainda não haver uma vacina “aumenta a susceptibilidade da população”.

Assim, Azevedo-Pereira disse mesmo que a transmissão do vírus na comunidade “é inevitável”. “Se continuarmos a contactar com várias pessoas ao longo do dia, de forma mais ou menos próxima – como numa carruagem do metropolitano ou no autocarro – é quase inevitável que haja ali um grupo de bastantes pessoas a estar exposto àquelas partículas virais que foram expelidas e que formaram um aerossol”. “A não ser que se impeça que isso aconteça de uma forma quase ditatorial, é quase impossível evitar que haja transmissões”, lembrou o investigador, explicando que, “do ponto de vista viral, se ele se transmite por esta forma, é muito difícil de controlar; não é como, por exemplo o HIV ou o vírus da Hepatite C, que se transmitem a partir do sangue ou das relações sexuais, que são eventos que não são constantes ou do dia-a-dia, ao contrário de respirar e de estar ao pé de outras pessoas”.

MACAU: MEDIDAS “EFICAZES”, MAS DIFICILMENTE REPLICÁVEIS

José Miguel Azevedo-Pereira comentou ainda o caso de Macau. “Há uns casos que, com algumas nuances e com algumas diferenças, são importantes de reter e de estudar, nomeadamente o que se passou em Macau, precisamente com a eficácia na contenção, que permitiu que, no último mês, não tenha havido casos novos”, afirmou. “Na altura em que foram implementadas as medidas, provavelmente toda a gente achou que seriam um exagero, mas foram eficazes, porque, na verdade, contribuíram largamente para impedir a transmissão do vírus”, sublinhou o virologista.

“É evidente que medidas drásticas, como as que foram feitas em Macau, são possíveis e eficazes. Mas é obvio que têm consequências, em termos da economia da região. Todos sabemos os custos para a economia de Macau, o facto de se terem fechado os casinos, por exemplo. Mas o Governo teve a coragem de o fazer, porque achou que conseguia”, disse.

Porém, na opinião do virologista, estas medidas seriam dificilmente aplicáveis em qualquer outro lugar. “[É possível apenas] num país que tenha uma economia muito sólida, que permita que se fechem fronteiras, serviços e fontes de rendimento do próprio país, durante um período de tempo que pode ser prolongado”. Assim, “tem de haver folga orçamental e capacidade económica suficiente para que isso aconteça, coisa que são poucos os países que se podem gabar disso”. Além disso, estas medidas apenas seriam exequíveis em países ou regiões de “dimensão suficientemente pequena”.

“Em países como Alemanha, França, Itália ou Portugal, com tanta gente, com tantas cidades e com tantas autarquias e poder local e isto e aquilo, há uma máquina muito mais pesada para que qualquer uma destas medidas sejam implementadas”, assinalou o professor da Faculdade de Farmácia, concluindo: “Parece-me ser difícil implementar [medidas semelhantes às de Macau] em situações que não sejam em casos muito particulares”. Azevedo-Pereira assumiu ainda não ter conhecimentos para fazer comentários acerca das medidas de prevenção. “Só percebo de vírus”, confessou.

FOTOGRAFIA: MÁRIO CRUZ/LUSA

CALOR PODE NÃO SIGNIFICAR MENOR CAPACIDADE DE TRANSMISSÃO

José Miguel Azevedo-Pereira antevê que o número de infectados pelo Covid-19 continue a subir em Portugal. Mas quantos casos poderá atingir? “Sinceramente, nem me atrevo a dar uma expectativa, porque vai depender de muita coisa”. Um dos factores é o calor. “Uma das questões, do ponto de vista virológico, que se coloca, é sobre qual vai ser o comportamento do vírus e do processo de transmissão do vírus com temperaturas mais elevadas e baixo teor de humidade. Será que vai perder capacidade de ser transmitido, vai perder infecciosidade por via do aumento de temperatura e do baixar da humidade?”, questionou, para responder: “É normal, nos vírus que nós conhecemos, um

padrão desse género. O vírus ‘influenza’ é muito afectado por isso, temperaturas elevadas e baixo grau de humidade não favorecem a transmissão e, portanto, o número de casos de gripe diminui a partir do mês de Março ou Abril”.

Todavia, este é um vírus novo. “Há dados que nos permitem pensar que isso não vai ser assim tão linear quanto isso”, adianta o investigador. E explica: “Em regiões como o Dubai ou as regiões da Península Arábica, em que as temperaturas já são elevadas há algum tempo, continua a haver transmissão e continuam a surgir novos casos”.

O professor passa a esclarecer: “Há duas formas de haver transmissão, que são a inalação directa de um aerossol formado – e aí está muito dependente do grau de humidade do ar e da temperatura do ar – e outra é a maçaneta da porta, ou o corrimão ou o botão do elevador”. A infecção por toque em superfícies contaminadas não está dependente da temperatura, lembrou o docente. “Portanto, eu prevejo que o número de casos em Portugal vá continuar a aumentar. Nós ainda estamos no início, há uma semana foi o primeiro caso que surgiu. Estamos muito no princípio de tudo isto”, concluiu, frisando que “vão sempre aparecer casos novos e depois vamos ver como é que evolui toda esta dinâmica; ninguém sabe muito bem como é que [o vírus] se vai comportar”.

Mas será possível prever algum caminho que este novo coronavírus possa tomar? “É muito arriscado especular o que quer que seja sobre isso. Podemos tomar como exemplo aquilo que se tem passado noutros contextos. Na cidade de Wuhan, na China, o que se verifica actualmente é um decréscimo cada vez maior de novos casos. Isto significa que o período crítico e o pico da epidemia já estarão a desaparecer. Mais uma vez, aí também foram tomadas medidas bastante drásticas e, se calhar, foi fruto dessas medidas drásticas que se conseguiu conter a infecção”.

“NÃO HÁ HOSPITAIS NEM SERVIÇOS DE SAÚDE QUE AGUENTEM”

A chave está na capacidade que os hospitais, a nível global, têm para receber os pacientes, indicou o virologista. “Como é que os hospitais conseguem lidar com milhares de casos a surgir de infecção, que precisam de ser diagnosticados e, em alguns casos, precisam de ser internados para poderem debelar a pneumonia e a insuficiência respiratória?”, questionou, afirmando de seguida: “Não há hospitais nem serviços de saúde que aguentem uma invasão repentina de centenas e milhares de casos, todos a requererem o mesmo tipo de equipamento, o mesmo tipo de serviço e o mesmo tipo de camas e salas”.

Além de evitar que haja aglomerações de pessoas, a prioridade deve ser “impedir ao máximo e consciencializar as pessoas de quais os comportamentos a seguir para evitar que haja transmissão”. “Vejo com bons olhos que haja a iniciativa de sistematicamente, em zonas de passagem, haver a desinfecção de superfícies, das maçanetas das portas, dos corrimões das escadas, dos botões, isso é fundamental”, indicou. O virologista assinalou ainda: “Atenção, que as mãos de cada um de nós são objectos contaminados”. Por isso, “há que tratá-las como tal e incentivar ao máximo o lavar as mãos frequentemente”.

O fenómeno de Itália, onde, até ao fecho desta edição, havia mais de 12.400 casos e mais de 800 mortes, não tem explicação, para o virologista. Enquanto, segundo a Organização Mundial de Saúde, a taxa de letalidade do novo coronavírus é, a nível global, de 3,4%, a taxa de mortalidade em Itália é de cerca de 5%. O que é que pode explicar este maior valor? “Não faço ideia, não sei dar uma explicação, só quando soubermos mais dados sobre a população afectada”. Porém, arrisca: “Porventura, é uma população mais envelhecida, uma população particularmente susceptível, por razões de outras patologias respiratórias”. “Mas também há o inverso, como o caso da Alemanha, em que há uns 1700 casos [na noite de ontem eram já perto de 2.000] e no entanto só hoje [quarta-feira] é que houve a terceira morte, o que se traduz numa taxa de letalidade muito inferior àquela que se está a registar em Itália”.

Azevedo-Pereira também não encontra explicação para o número de casos que, em Itália, vai crescendo exponencialmente. “No caso de Itália, houve dias em que duplicou em relação ao dia anterior, provavelmente por falta de medidas, não sei”, notou o investigador.

UNCATEGORIZED